

O SENDERO LUMINOSO

APROXIMAÇÕES A SUA HISTÓRIA E IDEOLOGIA

Manuel Jesús Granados

Tradução: João Moura Jr.

A Carlos Valer

O início

Tudo começou como se fosse brincadeira, diz a letra de uma canção popular, e nada mais real e acertado para designar o movimento do Partido Comunista do Peru Sendero Luminoso. Realmente, é necessário reconhecê-lo, tudo começou como se fosse brincadeira. Algumas torres elétricas aqui, algumas bombas acolá não pressagiavam nem prefiguravam as proporções geométricas que haveriam de alcançar as ações, as quais, de províncias de Ayacucho, de cuja existência ninguém sabia, expandiram-se a localidades vizinhas, chegando a ter na atualidade uma inquietante presença a nível nacional.

Hoje, o nome de Sendero Luminoso é mundialmente conhecido. Mas grande parte de seu pensamento político é desconhecido, pois mantém um extremo e cerrado hermetismo. Em geral, eles editam um ou outro folheto, de claras tendências literárias, com uma linguagem metafórica, simbólica e que, muitas vezes, parece não transluzir nada. Esta não é uma característica nova, mas sim a continuação de um estilo de trabalho partidário. Seu sistemático silêncio permite que as tentativas de explicação, enquanto fenômeno político, sejam muitas.

O desconhecimento parcial, e em determinados casos total, de sua ideologia, permitiu que suas ações iniciais fossem vistas como desprovidas de juízo e irracionais pela opinião pública nacional e internacional. A realidade, como sempre, supera as ficções. As ações desenvolvidas desde maio de 1980 são o resultado da aplicação prática de um corpo de pensamento: o tão propagado e totalmente desconhecido "pensamento Gonzalo".

Este artigo foi publicado originalmente na revista peruana *Socialismo y Participación*, Nº 37, Lima, 1987.

Convém partir de uma comum e sabida declaração de princípios: não sou membro do PCP SL, e portanto *não sou senderista*. Nem o serei jamais¹. Nesse sentido, buscar interpretar alguns de seus delineamentos básicos não significa de modo algum que eu justifique qualquer uma de suas ações violentas. Não existe, por conseguinte, a intenção de fazer aqui uma espécie de apologia. Este trabalho é antes o puro e simples reconhecimento de uma realidade que afeta a sociedade peruana, a qual vive ultimamente nos tempos do sangue e do fogo, como disse Ernesto Sábato.

Há duzentos anos, diz o historiador Juan José Vega, a revolução de Túpac Amaru cresce no território nacional, ameaçando o poder colonial espanhol. Corria o mês de maio de 1780 quando, na ocasião de ser oferecido o sacrifício ritual, os deuses tutelares emitiram uma profecia dirigida a Túpac Amaru pela boca do Willaq Umu: "Deves fazer brilhar o sol, e se não o consegues de todo, deverão se passar duzentos anos para que volte a brilhar". Se há algo que a história nos ensina é a inexistência das coincidências, pois em maio de 1980 o PCP SL inicia sua luta armada, como resultado das resoluções tomadas no IX Plenário de sua VI Conferência Nacional.

(1) Em maio de 1981 defendi uma tese na Universidade Nacional de San Cristobal de Huamanga, a qual, sob o título insuspeito de "A Conduta Política: um Caso Particular", continha uma análise acadêmica da ação universitária do PCP SL entre os anos de 1971 e 1978. Após certas resistências iniciais, foi aprovada, dormindo desde esse dia o sono dos justos.

Os aniquilamentos

De acordo com a concepção marxista, a revolução é uma luta de classes, e, como tal, significa o embate de classes dominantes, apoiadas pelo imperialismo, contra as classes dominadas. Mas classes dominantes não são apenas os grandes capitalistas, proprietários de terras ou comerciantes, senão que também encontram sua expressão hierarquizada nas zonas urbanas e rurais.

De acordo com isso, para o PCP SL, a concepção da luta armada (LA) é essencialmente rural, zona que se converte desde o primeiro momento no ponto de confrontação básica. A luta entre classes há de começar aqui. Nelas, os representantes do Estado e do capitalismo são as autoridades governamentais (prefeitos, gabinetes dos prefeitos, policiais, entre os mais significativos); as autoridades rurais (presidentes de comunidades, autoridades tradicionais); os pequenos comerciantes e burocratas. Todos serão chamados "pequenos reacionários", e serão as primeiras vítimas de um acossamento generalizado. A esse processo, que tem como finalidade lograr a ausência, seja pela eliminação física ou o amedrontamento, desses inimigos naturais da LA e do PCP SL, chamam revolver o campo ou matar a erva daninha de todas as povoações.

Desse modo, o acossamento dos pequenos reacionários é seletivo, buscando-se símbolos que sejam facilmente perceptíveis por todas as pessoas. Não é indiscriminado, visto que há de realizar-se, necessariamente, com o transcorrer do tempo. Esse acossamento tem, além disso, uma finalidade prática: deseja preservar os membros do PCP SL — os melhores

filhos do povo, segundo suas expressões — do ataque e delação que, mais cedo ou mais tarde, farão os pequenos reacionários. Com isso evitam que os objetivos primordiais de sua revolução sofram retrocessos e/ou danos.

Em consequência, o acossamento há de abarcar todos aqueles que física, moral ou politicamente ameacem, real ou potencialmente, o PCP SL. Nesse contexto, as noções éticas do bem e do mal deixam de existir, sendo suplantadas pelas noções — revolucionárias — de a favor do povo ou contra o povo. Convém assinalar que não buscam a vingança, a não ser em situações excepcionais, pois o objetivo estratégico é a tomada do poder e tudo deve ser subordinado a ele.

Uma das perguntas fundamentais, e bastante comum, era por que o PCP SL matava camponeses que careciam de poder e riquezas. Uma explicação é que os conceitos de riqueza e poder são mínimos nas zonas rurais, mas sempre existem. Um camponês possuidor de cinco carneiros, terrenos um pouco maiores ou uma pequena venda já é visto como rico e ocupa, muitas vezes, cargos governamentais ou comunais. É recriada, a níveis mínimos, a grande ilusão da "decência", sinônimo de riqueza e branqueamento; valores próprios de um sistema feudal e semifeudal. Lembrome de que, há tempos, um daqueles senderólogos famosos me perguntava o porquê da matança de posseiros de um distrito de Ayacucho, conhecidos seus, gente boa, dizia. Claro, os posseiros arrastam consigo, poder-se-ia dizer, a síndrome do branco. Os brancos são identificados com a gente decente, com o fazendeiro de gado, com o deputado, com os doutores, e, em virtude disso, o comportamento diante deles há de variar enormemente com relação a qualquer um dos demais posseiros. Os primeiros são tratados como amos, enquanto, com os segundos, o tratamento é igualitário. Por isso, o camponês possuidor de bens materiais começa a adotar as atitudes características da gente decente: níveis de prepotência, ostentação de sua magra riqueza e tratamento depreciativo dos posseiros mais pobres. Num contexto em que surgem movimentos armados, como o atual, é natural e lógico que se alinhem com a gente decente e as forças armadas.

Convém recordar, por outro lado, o problema do índio. Historicamente, foram esmagados, exterminados e embrutecidos por quinhentos anos de dominação. De acordo com essa premissa, muitos camponeses (indígenas) têm agora uma visão de resignação fatalista de seu lugar na sociedade, aceitando a dominação como algo natural. O PCP SL compreende tal realidade e põe em prática a máxima de que a revolução deve ser feita a favor dos camponeses que lutem, e contra os camponeses que defendam o patrão que os explora, o cura que os engana e a autoridade que os castiga.

Portanto, aos camponeses dos povoados onde esteja se desenvolvendo a LA, e que não sejam majoritariamente simpatizantes, é oferecida uma alternativa: cooperar em silêncio ou morrer, deixar que seus filhos sejam incorporados às fileiras do Exército Guerrilheiro Popular (EGP) ou morrer. Não há outra solução. Para o PCP SL, torná-los neutros, por prin-

cípio, é impossível; reeducá-los é uma tarefa muito grande quando o primordial é a LA; eliminá-los é quiçá a alternativa mais conveniente.

Mas também essa atitude tem um limite, pois tal política é igualmente aplicada pela contra-subversão. O terror tem um limite. Quando os camponeses são açoitados, uns fogem para outros lugares, outros permanecem e se alinham com uma ou outra facção (principalmente com o PCP SL), e a grande maioria trata de manter um estado de neutralidade. Infelizmente, esses últimos são os que sofrem o fogo de ambos os lados e tendem a ser eliminados em massa. É a imagem de um sanduíche, com o camponês no meio. A continuar essa tendência, entre as forças armadas e o PCP SL, dizia alguém, poderiam solucionar o problema do índio.

Esse panorama é atroz e demente? Não o é tanto se examinamos a história mundial. Das matanças dos antigos assírios, persas, romanos, hunos, passamos às matanças do mundo civilizado, que têm uma de suas expressões máximas na Alemanha nazista. No campo das revoluções socialistas, vemos que com Stálin houve mais de 30 milhões de mortos; na Revolução Cultural de Mao, a cifra chegou a quase 40 milhões; os vietnamitas chegaram a 6 milhões; mas é com Pol Pot que se aniquila quase a metade da população do país. Em nossa pátria, até hoje, os mortos numericamente ainda não são muitos. Se triunfasse o PCP SL, quantos peruanos sobriariam para contar a história? Um milhão, meio milhão? Para eles, na concepção marxista, essas "operações de limpeza" são necessariamente imprescindíveis, a fim de dirigir adequadamente o destino. As agourentas premonições vêm se sucedendo desde 1980.

Nas cidades, a luta adota novas modalidades. Aí sim, já se acham presentes os expoentes médios e máximos das classes dominantes e do imperialismo. Uma regra básica aplicada por muitos movimentos armados é agir contra alvos individuais, grupais ou institucionais que possam ser símbolos perceptíveis. Assim são atacados os bancos, os escritórios de entidades públicas e privadas, o fornecimento de luz (explosão de torres elétricas), os locais políticos, as médias e grandes empresas; ações explicadas na parte concernente à sabotagem. Também são levadas a cabo sistemáticas campanhas de aniquilamento de membros das forças armadas e policiais, que podem ou não ter lutado contra o PCP SL em Ayacucho e nas zonas em estado de emergência.

Assim, o aniquilamento de policiais, soldados e marinheiros tem vários objetivos. O principal deles é a mensagem implícita: não os esquecem e sabem quem são. Quando os membros das forças armadas e policiais são destacados para a zona de conflito, não utilizam seus nomes verdadeiros. Daí que resulte inquietante comprovar que o PCP SL, sim, os conhece. Quando alguém é aniquilado, sejam quais forem as circunstâncias que cerquem o fato, a primeira medida tomada é averiguar se prestou serviços na zona de conflito. Se este é efetivamente o caso, propaga-se o desassossego, a cólera, o ódio, a impotência e, finalmente, o medo de ser escolhido como futuro candidato para um atentado. Se se trata de alguém

nascido em Ayacucho, sua situação se complica ainda mais, já que põe em perigo não só sua vida, como também a de seus familiares.

Conseguem com isso socavar o moral das instituições afetadas; ninguém se sente seguro, e há uma espécie de paranóia generalizada. Outro objetivo importante é manter, em contraposição, elevado o moral dos militantes do PCP SL, ao mesmo tempo que se obtêm armamentos para serem utilizados em ações de aniquilamento futuras.

A incerteza generalizada é uma arma psicológica a favor do PCP SL. Socava a estabilidade emocional dos membros das forças armadas e policiais, tornando-os propensos a cometer excessos em seu trato diário com a população e totalmente desconfiados: não sabem se o ataque virá dos jovens que conversam alegremente, da mocinha insinuante, da mãe que carrega um bebê nos braços, do que se aproxima para avisar de alguma coisa, do que pergunta sobre um endereço; o leque de possibilidades é imenso.

Os aniquilamentos, conscientemente, buscam despertar o leão. Mas o leão sempre esteve desperto, inclusive desde 1983, em que exerceu uma repressão indiscriminada em amplos setores populacionais da zona de conflito. A matança dos senderistas presos em 18 de junho foi apenas mais um episódio. Os familiares e amigos dos sobreviventes, num e noutro caso, não têm nenhuma razão para defender o governo, e sim muitas para estar contra ele.

Tendo o PCP SL demonstrado respeitar pouco a opinião alheia, era um mistério por que se abstinha de atacar a igreja católica e seus representantes, os sacerdotes. Os historiadores sabem a respeito das intensas campanhas de cristianização e extirpação de idolatrias realizadas pela igreja desde a época colonial, e que hoje lhe permitem ostentar uma esmagadora quantidade de católicos na população peruana. Com essa cobertura pode-se compreender por que monsenhor Ritcher Prada, bispo da igreja católica em Ayacucho, perguntado sobre o motivo da alta taxa de mortalidade infantil, disse à jornalista Begoña Ibarra: "Veja bem, filha, a mortalidade infantil que ocorre nestas regiões não é propriamente por falta de alimento, mas sim por falta de nutricionistas, de gente que venha e os ensine como preparar comidas equilibradas. Esta gente daqui tem alimentos. Tem o milho, que contém muitas proteínas; tem a batata, um bom alimento; tem o trigo; tem a cevada. Que se lhes ensine a equilibrar melhor uma dieta para que as crianças comam melhor o que têm".

Então, por que o PCP SL não ataca diretamente a igreja católica? A resposta teria que ser buscada na estratégia do trabalho rural. Ao que parece, na primeira fase, de preparação da guerra de guerrilhas do PCP SL, são respeitadas as crenças da população, exercendo-se uma discreta pressão para que os sacerdotes abandonem suas paróquias nos povoados rurais. Isso foi conseguido. Na segunda fase da guerra de guerrilhas (G de G), já tem importância definir uma posição de luta contra a igreja, ainda que todavia não se realizem ações individuais contra os sacerdotes. Sendo a igre-

ja católica um ente especial, eles poderiam considerar que merece um tratamento especial, que será dado a partir da terceira fase. Como diz o Eclesiastes, tudo tem seu tempo.

Veio o papa João Paulo II em 1985 e, em Ayacucho, terminou seu discurso pedindo, em tom enérgico, em nome de Deus, que abandonassem a violência. Na noite seguinte teve a resposta, com um blecaute, um apagamento geral, mais conhecido como o "papagamento". A segurança de não serem atacados vai se dissipando nas brumas da memória, e hoje em dia muitos dos altos dignitários da igreja já prevêm que poderiam ser alvos de atentados.

Desde os primeiros atos subversivos, a igreja católica, mediante alguns teóricos e supostos especialistas em marxismo com que conta, fixou sua preocupação no PCP SL. Trataram e tratam de interpretá-lo, mas seus esforços vão dando em nada, já que os conceitos do bem e do mal aprisionam as interpretações. Recentemente, depois de trezentos anos, uma das congregações guerreiras da igreja voltou a Ayacucho: os jesuítas. São a ponta de lança de toda uma estratégia de recuperação da população sob as bandeiras de Deus; mas, parafraseando as palavras do sacerdote aos pobres de Ayacucho: Deus está pensando em vós; a essas alturas, é muito provável que os pobres respondam: pois vamos ver se deixa de pensar tanto e faz algo por nós.

A linha de massas

Todo partido tem uma política definida no que toca a sua orientação populacional, chamada linha de massas na linguagem marxista. A linha de massas do PCP SL é bastante similar à do PC chinês quanto a sua enunciação, existindo algumas diferenças que se poderiam classificar como avanços e desenvolvimentos dela. A declaração, demasiado esquemática, considera que a força motriz da revolução no Peru há de ser o camponês, especialmente o pobre, com a classe operária no papel de classe dirigente, enquanto a pequena e média burguesia podem ser consideradas como forças auxiliares.

Como é aplicado esse princípio? Nas zonas rurais, e antes da presença da contra-subversão, o trabalho de conscientização da população camponesa é feito sem distinções de geração. A ênfase é posta, naturalmente, nos camponeses pobres, sejam eles adultos ou jovens, buscando fortalecer o PCP SL no campo. Com a presença da contra-subversão, a conscientização é polarizada, sendo dirigida exclusivamente aos camponeses jovens, futuros membros da milícia combatente. Os adultos, por muitos fatores a serem levados em conta, principalmente não são confiáveis,

demonstrando-se tal afirmação com uma análise da composição etária das chamadas rondas camponesas de defesa civil: a maioria esmagadora é de camponeses adultos.

Nas zonas urbanas, a conscientização assume novas modalidades. É orientada para os setores pobres. Tomando-se o caso da cidade de Lima, abarca as povoações jovens, em que os setores pobres estão representados pelos migrantes e filhos de migrantes de segunda e até terceira geração. Aqui é onde surge a diferença. A ênfase do trabalho conscientizador é posta desde o começo na juventude escolar e universitária; não importa que seja índio, mestiço ou branco: interessa a juventude. O aspecto da pobreza, inclusive, tende a ser atenuado, pois recrutam-se jovens provenientes de todos os estratos sociais, sejam eles médios e inclusive altos.

É necessário esclarecer esse panorama que aparenta ser contraditório. No Peru existe o problema do índio, mas também existe o problema do mestiço. O conhecimento adequado dessa realidade pode oferecer uma alternativa de triunfo. Desde as primeiras ações do PCP SL se criou um estereótipo do subversivo na sociedade urbana: serrano, mestiço, mal vestido, igual a senderista. Tal estereótipo não reflete corretamente a realidade. Alguns dos detidos por supostas atividades subversivas (hoje mortos nas matanças dos presídios de 18 de junho) escapam a esse estereótipo. O Peru é um país com uma população majoritariamente não-branca, que se reflete nos traços fenotípicos mais ou menos indígenas de muitos dos detidos, com o que é reforçada a imagem idealizada do senderista como um mestiço serrano. Essa idéia favorece enormemente as atividades do PCP SL no meio urbano.

Desde 1971 o PCP SL estendeu sua influência nas universidades peruanas, chegando a ter alguma presença nelas em fins de 1976; mas, desde 1978, data em que se programa a LA, inicia uma lenta e progressiva captação de estudantes das mais exclusivas universidades particulares. Tal processo teve, por sua própria natureza estratégica, um lineamento metodológico clandestino. Tiveram duas razões para atuar assim: por um lado, os estudantes provenientes das classes médias e altas da sociedade são elementos facilmente assimiláveis à doutrina ideológica do PCP SL, já que geralmente não contam com uma ideologia apropriada que lhes permita eludir tal influência; e, por outro lado, são jovens cujos pais e/ou familiares ocupam posições elevadas na estrutura governamental, nas forças armadas, forças policiais, partidos políticos, na indústria e no comércio, e dos quais, em determinados momentos, é possível extrair informação valiosa para os fins do PCP SL.

A idéia do egresso da Universidade de Huamanga como presumível senderista está muito enraizada na sociedade peruana; mas é absolutamente incorreta. Dessa idéia, surge um problema. Tais egressos têm sérias dificuldades na hora de buscar um trabalho para subsistir. É óbvio que ninguém pode conseguir um certificado assinado pelo Presidente Gonzalo que não é senderista. Que oferece o futuro a esses profissionais?

A sabotagem

Por que não atacaram frontalmente, desde o começo, as forças policiais ou unidades das forças armadas? A resposta se encontra em sua concepção da guerra de guerrilhas: nunca se ataca quando se é fraco, e menos ainda quando a LA está em preparação. Suas ações correspondem a uma estratégia previamente delineada. Em consequência, é utilizada uma variante *sui generis* de sabotagens sistemáticas, contínuas e pequenas. Começaram as explosões em prédios de bancos, partidos políticos, escritórios públicos e privados, primeiro em escala local e em seguida nacional. Tais ações, além das explosões de torres e dos consequentes blecautes, forçaram o surgimento de uma infinidade de interpretações, sendo uma delas a indagação de por que não se atacavam os símbolos do Estado, como são os altos oficiais, líderes e funcionários preeminentes do governo, assim como comerciantes bem-sucedidos, ao invés de ficar atentando contra edifícios e torres elétricas. No início, essas ações foram catalogadas como atos dementes (fala-se, nesses tempos, da suposta loucura dos senderistas), e, mais tarde, cunhou-se o termo terrorismo, conceito utilizado numa política de guerra psicológica contra-insurgente. Mas não era, e desgrazadamente não é, terrorismo. O terrorismo é próprio da ação de grupos que padecem da falta de uma concepção ideológica, sendo propensos a expressões de ira descontrolada e cega.

Quais eram os critérios básicos — podemos interrogar-nos — que nortearam os primeiros atentados?

a) Em primeiro lugar, obtiveram a primazia do fator tempo. Lograram fixar a atenção do Estado nos atentados, enquanto ganhavam o valioso tempo necessário para dar os últimos retoques na primeira fase da guerra de guerrilhas, já pronta a se iniciar. Não lhes prestaram a atenção suficiente para que fossem feitos os esforços necessários para vencê-los. Os atentados, inicialmente, ocorriam em pontos bastante afastados, que principalmente careciam de importância. Por outro lado, forjaram um núcleo importante de ativistas que desenvolveram uma grande experiência prática, e que posteriormente seriam os encarregados de formar novos peritos no manejo dos explosivos, capazes já de expandir a experiência adquirida a nível nacional. A estratégia utilizada e característica de partidos enquadrados numa vertente ideológica: uso da paciência. As variantes táticas cumpriam assim os esquemas previstos.

b) Foram demonstrando a vulnerabilidade das instituições afetadas, a impotência das forças policiais e das forças armadas para evitar tais atentados. Estes sempre adotavam novas e distintas modalidades que causavam surpresa por sua simplicidade. Com isso se acrescentava o sentimento de insegurança na população. Ninguém mais, hoje em dia, se sente seguro. É fácil verificá-lo examinando a quantidade incrível de agências de seguro

que proliferam. O sentimento de vulnerabilidade dá lugar à sensação de insegurança, e esta, por sua vez, ao temor.

c) Com sua presença persistente puseram em evidência que as forças policiais, primeiro, e a seguir as forças armadas, careciam de uma política anti-subversiva adequada e correta. Também, de passagem, minaram a credibilidade nas palavras dos altos funcionários do governo. Quando o doutor Pércovich, ministro do Interior no regime belaundista, prestava declarações afirmando que finalmente o terrorismo delinqüente havia sido derrotado, no dia seguinte ocorria simultaneamente uma descomunal escalada de blecautes e atentados em Lima e no interior do país. Era óbvio que o PCP SL estava à espera de tais declarações, ocasionadas pela enganosa calma de semanas sem atentados. A tal ponto coincidem declarações e atentados que a população se via obrigada a suplicar que não se fizessem mais declarações triunfalistas.

d) Buscaram um lento mas progressivo desgaste das instituições afetadas, que, em última instância, estão representadas pelo Estado. Causaram danos que ocasionariam gastos em reparação e/ou construção outrora insignificantes, mas que hoje, somados, são significativos. Quanto fizeram gastar? Os cálculos mais otimistas beiram a 1,5 bilhão de dólares, que, diga-se de passagem, representa uma porcentagem considerável da dívida externa peruana. Simultaneamente, tais gastos foram incrementados pelo constante envio de mais efetivos policiais e militares às zonas convulsionadas, os crescentes custos de implementação de novas bases contraguerrilheiras, o uso de helicópteros, aviões, munições etc. A quanto se elevam esses gastos? Só de pensá-lo dá medo.

e) Adequaram a tecnologia da guerra à condição de semifeudalismo e semicolonialismo do país, assim caracterizada por eles. Suas armas são basicamente a dinamite, granadas de fabricação caseira, fundas e algumas armas geralmente arrebatadas a policiais e soldados caídos. Tempos atrás comentou-se e teorizou-se sobre uma evidente aliança de traficantes de narcóticos com o PCP SL. Fosse isso verdade, contariam com incalculáveis quantidades de dólares, que poderiam facilitar a aquisição de armas altamente sofisticadas. A realidade contradiz tais suposições. As armas sofisticadas não têm correlação com a teoria militar da guerra de guerrilhas num país atrasado. A LA na concepção marxista do PCP SL adota as armas de acordo com suas necessidades e não o contrário. Evitam assim uma dependência logística, algo muito perigoso para qualquer movimento armado. Fossem verdadeiros os comentários de uma suposta aliança com os traficantes de narcóticos, isso abriria novas e espantosas possibilidades.

f) Sabiam que, ao qualificá-los de terroristas, os teóricos da contra-subversão aplicariam uma arma que deu resultado em outros lugares (na Argentina, por exemplo): o terror. Por sua magnitude, e não pela forma não muito cortês com que foi aplicada, motivou o protesto de organizações defensoras dos direitos humanos. Assim, conseguiram outro objetivo: apresentar, diante da opinião pública nacional e internacional, as for-

ças armadas e policiais como sedentas de sangue e mais terroristas que os próprios terroristas. Basta lembrar as intensas campanhas com base nas denúncias sobre desaparecidos, massacres, torturas, detenções arbitrárias, roubos e violações. Hoje em dia, no Peru, existe uma dualidade entre a população: uns temem mais as forças armadas e policiais (os camponeses das zonas rurais e habitantes das povoações jovens de Lima); outros temem mais os delinquentes terroristas (parte da população urbana das zonas rurais e as classes médias e altas de Lima). O PCP SL sabia também que sua ação não estava enquadrada numa lógica de grupo terrorista, motivo pelo qual se preparou para quando viesse a ação repressora, jogando para ganhar contra ela. A realidade nos mostra que seu cálculo, mesmo que não fosse de todo correto, estava próximo de sê-lo.

Os quadros senderistas

Existe um axioma fundamental: a perfeição nunca foi amiga do grande número. Quanto mais reduzido o núcleo dirigente e os níveis intermediários, existem maiores possibilidades de resistência à repressão, seja esta seletiva ou generalizada. Dos quadros disponíveis do PCP SL, somente os indispensáveis são utilizados para dirigir as ações de sabotagem, de G de G e a LA em geral. Outros têm orientações precisas: criar novas células, desenvolver um amplo trabalho propagandístico, planificar ações e, significativamente, concentrar todos os seus esforços na luta ideológica.

A formação de quadros, pessoas entregues de forma total ao partido, é guiada pelas necessidades e planos imediatos, mediatos e a longo prazo de LA nas áreas de inteligência, operação de guerrilhas, EGP, sabotagem, propaganda e apoio. As novas gerações de quadros hão de ser, no essencial, jovens com uma ideologia definida. Estou me referindo a quadros, e não aos militantes, que possuem outras características.

À semelhança de muitos outros movimentos armados, o PCP SL nasce de um núcleo de quadros que se dedica a preparar o partido para as ações futuras; mas a dessemelhança surge quando comparamos o trabalho de assimilação de novos contingentes. No PCP SL, esse crescimento se dá unicamente nos níveis baixos da estrutura partidária, sendo negado o acesso a níveis superiores dessa estrutura para evitar, na medida do possível, as infiltrações. Não é segredo que existe uma grande impenetrabilidade e rígida organização no PCP SL, demonstrada no desconhecimento parcial, e às vezes total, das estruturas dirigentes.

Nesse sentido — e sempre dentro de nossa descrição da possível lógica interna do PCP SL —, a seleção de militantes de base que hão de assumir o papel de novos quadros é rigorosa. Além de uma lealdade confiável, será imprescindível a juventude. Há duas razões práticas na preferência pelos jovens.

Uma possível razão radicaria no fato de que parte dos adultos, seja nas zonas rurais ou urbanas, já tem um estilo de vida, uma concepção do mundo estabelecida, e, na linguagem do PCP SL, já está contaminada pelo sistema. Esses adultos chegarão a ser adversários, pois mudar sua concepção ideológica será bastante difícil. Tais dificuldades não existem com os meninos e jovens, que absorvem sem maior resistência qualquer nova ideologia, uma vez que apresentam uma característica muito interessante: são insensíveis à dor alheia. Não conhecem a piedade, pois, salvo em ocasiões excepcionais, não conhecem a dor, mesmo quando tenham sentido na própria carne a fome e a miséria de uma sociedade injusta. Recordam-se que ninguém teve compaixão deles, especialmente os bem nutridos, e, na hora dos ajustes de contas-(aniquilamentos), a piedade é vista como um sentimento frágil. A ideologia se impõe e anula os sintomas de remorsos, ensinando-lhes que todo ato tem por fim uma causa dupla: livrar o povo do capitalismo e da feudalidade, expressos na miséria, na fome e nas injustas diferenças sociais.

A segunda razão provavelmente se origina na certeza de que os dez ou mais serviços de inteligência que operam no Peru teriam como tarefa primordial o infiltrar-se no PCP SL. Ademais, sabiam que um dos aspectos básicos a serem levados em conta em qualquer guerra é a informação, comumente obtida pela infiltração de homens e/ou mulheres. Mas com o PCP SL há um pequeno problema: muitas de suas células estão compostas por menores de idade. Qualquer agente de inteligência deve ter uma idade mínima de 17 a 18 anos, seja oficial ou pessoal de tropa, idade acima do limite estabelecido na formação de algumas células. Além disso, não se pode proporcionar a nenhum agente uma clara formação marxista, pois com empenho poderia converter-se em senderista e ser um agente duplo, com saldo já se sabe para quem. Claro que o que ficou dito anteriormente não nega a infiltração, que pode dar-se a níveis partidários de base, mas torna-se impossível nos níveis partidários altos.

Projetou-se a imagem do senderista como a de um ser enganado por idéias alheias e sem capacidade de raciocínio. Com o risco de equivocarmos, tal imagem não nos parece correta. O quadro senderista não é um robô, não está enganado, nem sua mente programada por ideologias alienígenas. Ao contrário. Eles estão convencidos de ser os porta-vozes, os germes de um novo mundo: a pátria do Presidente Gonzalo. Estão convencidos — dizem-nos sempre — de que são diferentes e melhores do que os demais, sustentando tais idéias sem que lhes importe as acusações de sectarismo, fanatismo e demência. A opinião do mundo, inclusive, não vale nada. Os quadros encarnam o Pensamento Gonzalo, combatendo por ele na medida de sua capacidade. Nasce nesse ponto sua disciplina vertical e o acatamento sem limites das ordens dos níveis superiores, mesmo quando essas pareçam a eles próprios, em alguns momentos, carentes de sentido. Executam-nas mesmo assim, pois sabem que qualquer esforço, por mí-

nimo que seja, tem um lugar no imenso quebra-cabeça da estratégia aplicada pelo Pensamento Gonzalo.

O PCP SL tem pleno conhecimento da grande importância da informação, ou ações de inteligência num processo de G de G e GPP. A todo grupo em armas é vital o contar com a máxima informação possível sobre os territórios geográficos onde age ou amanhã agirá. Realizam análises dos espaços utilizáveis, da população urbana e/ou rural, de seus conflitos sociais, étnicos, econômicos, políticos. Na medida do possível, seguem às escondidas pessoas e grupos de poder que representem o governo. Qual a finalidade disso? Cada lugar é caracterizado como favorável ou desfavorável, observando-se a capacidade econômica implícita, os pontos débeis e fortes dos organismos ou indivíduos representativos do sistema, assim como as peculiaridades geográficas que possam favorecer determinadas ações.

O PCP SL já demonstrou uma grande capacidade de informação. Pode-se afirmar, sem sombra de dúvidas, que muitas ou quase todas (naturalmente há exceções) as instituições públicas e privadas, especialmente as de valor estratégico, estão devidamente infiltradas. O mesmo sucede com as forças armadas e policiais. É muito provável que daí provenha a massa alucinante de conhecimentos que possuem sobre as pessoas investigadas como futuras vítimas de aniquilamento e as precisas operações de sabotagem.

O PCP SL demonstra ser um movimento planificado. Dá a impressão de que não deixa nada por conta do acaso; pois, num processo de luta armada, a sorte não existe, cria-se. Lograr um alto nível de informação possibilita ao PCP SL uma imensa capacidade de manobra e evasão. Isso lhe permitiu mover-se com uma grande dose de confiança em suas etapas de luta previstas. Não chegou nunca à arrogância, momento em que têm início os primeiros, e às vezes decisivos, fracassos. Quiçá uma arrogância inicial e o assassinato de Ponce Canessa como a gota que fez a água transbordar levaram à imolação de seus presos no Frontón e Lurigancho. Mas, apesar de tudo, o PCP SL não se revolveu como animal ferido.

As bases de apoio

Nos documentos do PCP SL se afirma que a luta armada é a forma mais elevada da luta das massas, consistindo dialeticamente em conquistar espaços, defendê-los e consolidá-los para, finalmente, desenvolver a ofensiva estratégica. Sua aplicação prática começou em maio de 1980.

Nas zonas rurais, a concepção predominante foi a de construir bases de apoio, regrando-se a projeção de quadros pelas modalidades próprias de cada região, assim como pelas diferenças em suas tradições históricas. Examinando as instruções emitidas, vemos que uma muito impor-

tante foi a de conquistar bases de apoio, em sucessivas campanhas de conquista, construção e defesa.

Uma base de apoio, na concepção de Mao, compreende uma determinada extensão territorial na qual o partido mantém um controle total sobre as atividades produtivas, sociais e políticas. No Pensamento Gonzalo, a concepção de uma base de apoio assume novas modalidades. Assim, não lhes interessa principalmente o domínio territorial, mas sim a constante e efetiva presença do PCP SL num território determinado, seja de forma total (ausência de repressão), ou de forma parcial (presença ativa de repressão). Este trabalho tem como objetivo conquistar espaços, não físicos, de influência na polarização social de qualquer população.

O PCP SL teve um controle efetivo em muitas comunidades rurais, e fazia sentir sua presença nas povoações, quase até finais de 1982. É um lapso muito grande, levando-se em conta que desde 1974 se vinha dando prioridade absoluta ao trabalho rural. No lapso de dois anos e seis meses que medeia entre maio de 1980 e finais de 1982, o movimento tratou de consolidar as zonas controladas como futuras bases de apoio. Os organismos de caráter público, tais como os Comitês Populares, empreenderam a tarefa de regular e organizar as atividades produtivas (por exemplo, proibiram-se as feiras aldeãs, que permitiam o intercâmbio de produtos entre as comunidades; erro fatal segundo vários senderólogos); redistribuíram as atividades sociais de forma racional, com predominância do comunal; levaram avante uma política de execução dos elementos negativos (ladrões de gado, violadores, pequenos exploradores); e, paulatinamente, levaram a cabo a tarefa que denominaram "revolver o campo", ou seja, a sistemática eliminação das autoridades políticas (prefeitos, governadores, presidentes e dirigentes comunais). As duas primeiras medidas tendiam a construir uma economia autárquica, enquadrada em relações sociais coletivas; enquanto as duas últimas buscavam a definição e polarização da população em classes sociais.

Mas, paralelamente a essas quatro atividades básicas, ia-se forjando uma de corte diferente: o adestramento de unidades guerrilheiras, extraídas dentre a juventude rural.

Mas o PCP SL sabia que, a partir de um certo ponto, as forças armadas interviriam; além disso, essa era a única instituição capaz de vencê-lo. Como uma simples medida de precaução, natural em todos aqueles que conheçam algo da história das revoluções, manteve seus quadros mais valiosos na clandestinidade, apesar de seu grande domínio territorial e de fomentar os Comitês Populares de caráter público.

Quando o governo decidiu, em dezembro de 1982, encarregar as forças armadas de restaurar a ordem na serra, estas aplicaram de imediato os planos contra-subversivos já preparados com muita antecedência. Ante a presença das forças armadas, o PCP SL teve que suportar, somente em parte, a desarticulação dos Comitês Populares, cujo caráter público lhes dava grande vulnerabilidade. O PCP SL, em consequência, recuou em suas

linhas, variando de tática e dando prioridade à preparação clandestina de mais quadros para continuar mantendo uma presença, já não ativa como antes, mas seletiva. Ocorreram movimentos ofensivos em zonas que ainda não contavam com a presença das forças armadas, criando-se novas zonas de enfrentamento, enquanto, nas iniciais, o processo de adaptação continuava. E isso é algo que bem poucos entendem. Não lhes importava o controle do território, mas sim o apoio ao partido nessas zonas. Mao já dizia que esses processos são necessários, as perdas são destruição mas, dialeticamente, também são construção sobre o destruído. É clara sua afirmação de que, "quanto à perda de território, freqüentemente ocorre que este só se pode conservar perdendo".

Ademais, sabiam que as forças armadas, com seu costume inveterado já comprovado em outras latitudes (Chile, Argentina, Uruguai, El Salvador, Vietnã, Nicarágua), iriam arremeter contra tudo e contra todos, criando uma seqüela de mortes, desaparecimentos e todo tipo de tropelias menores. De acordo com essa lógica, os camponeses afetados por essas ações tinham várias alternativas: a) pôr-se ao lado das forças armadas e formar as rondas camponesas ou de defesa civil, convertendo-se automaticamente em alvos para o PCP SL; b) fugir dos lugares convulsionados, migrando para as cidades de Huanta, Ayacucho, Ica, Huancayo e Lima, para levar uma vida sem futuro nem esperanças; e c) rebelar-se contra a injustiça social e contra os excessos das forças armadas, e estender pontes para a sua integração ao PCP SL. A experiência histórica demonstra que, em muitos lugares, a terceira alternativa é a mais comum.

A LA, os Comitês Populares, os justicamentos e a posterior presença das forças armadas iam cumprindo cada um sua parte no xadrez estratégico da guerra revolucionária do PCP SL.

Os símbolos sociais do sistema de vida, no meio rural, iam sendo destruídos de uma vez por todas. As relações familiares, os costumes, as relações comunais foram mudando irreversivelmente, afastando-se de todo desenvolvimento normal possível. Inclusive os técnicos e profissionais utilizados pelo governo para impulsionar ações de desenvolvimento sócio-econômico, através das microrregiões e do hoje famoso Trapézio Andino, vão sendo aniquilados pelo PCP SL. Esses lugares não serão *nunca mais* o que eram antes. O PCP SL conseguiu seu objetivo estratégico. De ambos os lados o camponês é obrigado a se definir. O general Cisneros, célebre pela dureza de suas teorias anti-subversivas, dizia que o camponês tem de escolher onde quer morrer: se com o Sendero ou com as forças armadas. Note-se que ao camponês não é proposta uma alternativa de vida mas tão-somente de morte.

De 1983 em diante, foram levadas a cabo outras campanhas destinadas a conquistar, construir e defender as bases de apoio. Mas elas já assumiam novas características, além das que possuíam nas épocas dos primeiros Comitês Populares, tendo prioridade a formação de milícias, bases, por sua vez, do Exército Guerrilheiro Popular. Essa é a etapa em que

se encontra atualmente o PCP SL, já com grupos guerrilheiros que vão aplicando sua guerra de guerrilhas, que eles chamam de alta mobilidade ².

O Pensamento Gonzalo

As idéias principais podem ser resumidas assim: o principal aspecto marxista é a ideologia. Como produto do enfrentamento das classes sociais, é um sistema de idéias que conta com um fim determinado: a tomada do poder. Sua força radica nela. De acordo com esse axioma fundamental, o PCP SL conta com uma ideologia, o Pensamento Gonzalo (PG), que assinala os passos a dar. O PG, dialeticamente, é o resultado da combinação de uma concepção científica (o marxismo desenvolvido) com a prática científica (a LA). Já não pode haver interpretações pessoais pois já existe a interpretação-guia. Esse é o ponto básico de divergência e diferenciação com quase todos os movimentos armados que surgiram até o momento na América Latina.

Fazendo-se uma comparação, pode-se afirmar que a revolução é um homem. A cabeça é o PG, o corpo é o PCP e os braços e pernas são o EGP. Mas o PCP e o EGP nada são sem o PG. Ele encarna a totalidade, dando a certeza numa futura vitória final, por considerar-se a linha correta. Como disse Mao, essa é a *única garantia* para o triunfo.

Por outra parte, é importante assinalar que começam a falar do PG a partir de maio de 1980, sendo até então conhecida a alcunha de Puka Inti, o Sol Vermelho. O processo de transformação de Puka Inti em Pensamento Gonzalo escapa aos fins do presente trabalho. O sistema de idéias enquadrado dentro do PG não pode ser aprendido em folhetos, aliás inexistentes.

Para o PCP SL, o PG encarna uma verdade: ser o quarto naipe do marxismo. Os três anteriores foram cumes no pensamento marxista: Marx, Lênin e Mao. A consequência lógica dessa encarnação é a tarefa de proteger, custe o que custar, sua liberdade e desenvolvimento. Como o PG não é um sistema estático de idéias, é imprescindível tornar insituável a Abimael Guzmán Reynoso, tido como o Presidente Gonzalo, criador do Pensamento Gonzalo. Se necessário, para que viva o PG, deve-se destruir tudo o que se lhe oponha, buscando espaços até conseguir-lhe o objetivo essencial: a criação de um grande mito subjetivo. Uma citação pode esclarecê-lo: "Ao pensamento-guia de nossa chefia, a sua política principal, que é combater até alcançar a vitória, com a instrução de morrer para inventar o grande mito subjetivo..." (declaração à imprensa de um quadro senderista preso).

Uma vez criado o grande mito subjetivo, já não terá importância se o Presidente Gonzalo for capturado ou morto. Outros serão encarregados

(2) Ler *La Guerra de la Pulga*, de Robert Taber, significa compreender os mecanismos essenciais da guerra de guerrilhas. O texto citado a seguir, ordenado e resumido livremente, mostra algo familiar a todos: é o que está ocorrendo, no Peru, desde maio de 1980.

Em alguma parte de uma província remota, quicá a mais revolucionária por ser a mais esquecida, e a mais favorável para a luta guerrilheira por ser a mais atrasada e inacessível, irrompe e se espalha a insurreição. Surge um bando de rebeldes, integrado por civis armados a quem o governo chama de bandidos ou comunistas.

Em seu período inicial, a insurgência não deve buscar batalhas mas sim evitá-las. Somente são possíveis ações reduzidas em setores isolados. Mais tarde, à medida que as guerrilhas se fortalecem, dividirão suas forças para levar a mensagem revolucionária a novas zonas e para fustigar o Exército numa escala mais ampla, obrigando-o a ampliar sua linha de forma a que debilite sua defesa.

Se a organização clandestina nas cidades está em condições de fazê-lo, terão lugar atos de terrorismo ou de sabotagem às indústrias, o que tornará mais aguda a crise. Caso se produzam repressões sangrentas por parte das autoridades, essas atrocidades receberão uma ampla publicidade. Se há mártires, ser-lhes-ão feitas exéquias solenes, seguidas dos protestos das mães dos assassinados e de um clamor popular de indignação.

Nas zonas em que se encontra uma oposição débil, arremessa-se a rede. As guerrilhas se dispersam, para levar a cabo seu trabalho de ensinamento político, para fortalecer a economia interna do movimento revolucionário, para estabelecer zonas de retaguarda; zonas que, deve-se tê-lo presente, podem expandir-se ou reduzir-se ou inclusive abandonar-se, ao menor aviso. Quando a oposição é forte, recolhe-se a rede. As guerrilhas devem estar em condições de concentrar forças consideráveis — duas, quatro e, inclusive, seis vezes a força do

de aplicar seu pensamento e, se possível, desenvolvê-lo dentro dos canais previstos até conseguir o triunfo da revolução.

Enquanto não estejam dadas essas condições, o PG continuará sendo um mistério para os teóricos da contra-subversão e para a opinião pública nacional e internacional; conhecer-se-ão retalhos dele, mas não sua totalidade. Tudo isso motiva, por outra parte, o silêncio tão característico do PCP SL. O silêncio é uma técnica da guerra psicológica e, como tal, é uma arma muito poderosa, pois diversifica as opiniões e as interpretações, agravadas já de per si pela carência de documentos. Ao mesmo tempo, o silêncio permite que a Chefia Única seja constantemente insituável, não sabendo-se na realidade se estão mortos ou vivos, quem são, e sua localização aproximada. Lembremo-nos que a contra-subversão utilizará especialistas em lingüística, os quais, pela análise do conteúdo de declarações ou documentos, podem identificar determinadas pessoas. Para esse trabalho contribuem, conscientemente, os serviços de inteligência das forças armadas. A revista *Hermano Lobo* diz: "As informações 'soltas' sobre o camarada Gonzalo são por demais contraditórias. Da doença dos rins que requeria diálise contínua se passou à 'captura', à morte em combate; para terminar agora com o assunto da 'psoríase' e sua viagem segura para o além. A imprensa oficial 'matou', 'deportou' ou 'desapareceu' várias vezes com Manuel Rubén Abimael Guzmán Reynoso".

Ao que parece, os lineamentos básicos do PG só são ensinados aos militantes e quadros do PCP SL, quase sempre de forma oral, através de pequenos cursos. O PG nada tem a dizer aos estranhos. É uma forma de fazer sentir o desprezo aos inimigos; o povo tem acesso, em alguma medida, ao PG, mas não os demais. Esses quadros e militantes reafirmam sua lealdade ao PG, apregoam que estão lutando por ele e que *morrerão* por sua revolução. Não falam de um triunfo em vida, mas sim da morte necessária para que viva e triunfe o PG.

Quais são as características e as novas colocações políticas enquadadas no PG, para que possa ser considerado um desenvolvimento do marxismo? Quais são as teses clássicas do marxismo-leninismo-pensamento maoísta que foram desenvolvidas? Quando Abimael Guzmán voltou da China, vinha com o prestígio e a aura de ter desenvolvido a tese da contradição e as leis universais da negação. A resposta a essas perguntas, vinculadas à criação do grande mito subjetivo, galantemente a deixou às dezenas de famosos senderólogos e violentólogos de fama nacional e internacional. Pode ser — tudo é possível — que eu tampouco a conheça.

A totalidade dos esforçados senderólogos, violentólogos e membros da inteligência contra-insurgente busca explicar e conhecer o PCP SL e o PG através da vida pregressa de Abimael Guzmán Reynoso.

Reconstituiu-se grande parte da vida de Abimael Guzmán como estudante, professor universitário e como líder de uma facção do PCP Bandera Roja. É a partir do momento em que assume a liderança do PCP SL que suas pistas começam a se dissipar.

inimigo — para lançá-las num único ponto débil deste. Foi Mao que inventou o "ataque de cinco minutos". Trata-se de ataques rápidos e violentos, de breves e furiosos relâmpagos de luta; depois suspende-se o assalto tão rapidamente quanto começou.

Os contra-insurgentes buscam uma solução militar: arrasar as guerrilhas. Mas há um obstáculo político e econômico que a impede: não podem acabar com a população, nem sequer com um setor importante dela. Por sua vez, as guerrilhas buscam desgastar militarmente seu opositor, para o que empregam técnicas convenientes, quer dizer, alimentar e atizar o fogo da revolução com sua luta, sendo seu objetivo político, o seu objetivo principal, levantar toda a população contra o regime, desacreditá-lo, isolá-lo, interditar sua solvência, socavar sua economia, esgotar seus recursos e propiciar sua decomposição.

O inimigo avança, retiramo-nos; acampa, fustigamo-lo; cansa-se, atacamo-lo; retira-se, perseguimo-lo. A política de agredir o inimigo quando é fraco, evitá-lo quando é forte, tomar a ofensiva quando foge, esquivar-se quando avança, não é senão senso comum. O novo é o emprego das ações guerrilheiras de maneira consciente e franca, para objetivos políticos precisos, não buscando ganhar batalhas imediatas, mas tão-só provando que os revolucionários sobrevivem.

A guerrilha faz a guerra da pulga. A pulga pica, brinca, e pica outra vez, esquivando-se rapidamente da força que pode esmagá-la. Não busca matar seu inimigo de um golpe, mas sim extrair-lhe sangue e alimentar-se dele, atormentando-o e enlouquecendo-o; conserva-o para atuar sobre ele e destruir seus nervos e seu moral. Tudo isso leva tempo. Mais tempo se necessita, contudo, para que as pulgas se multipliquem. O que começou sendo uma infecção local chegará a ser uma epidemia, à medida que se unam as zonas de resistência.

Os que conheceram Abimael Guzmán em qualquer uma das etapas de sua vida apontam-lhe um bom número de qualidades pessoais, que iriam compondo o futuro líder. Ao já sabido, como seu escutar atento durante as conversas, sua disciplina acadêmica, seu trato respeitoso, poder-se-ia agregar como característica principal a lucidez de seu pensamento (o cuidado com os detalhes insignificantes, pois sabia que as coisas pequenas geralmente encobrem os grandes acontecimentos). Suas preleções, de uma grande clareza, eram seguidas por professores, estudantes e representantes das organizações populares; nelas, quase nunca se permitiam polêmicas. Aos que gostam de pormenores, diremos que tampouco era permitido fumar, um cigarro sequer. Todos esses traços estão de acordo com o perfeito domínio pessoal que demonstrava: nunca foi visto bêbado nem se lhe conhecia qualquer vício privado. Em suma, era um caráter altamente disciplinado.

Mas todos que rastreiam as pistas de Abimael Guzmán não conseguem compreender um fato essencial: que a ideologia mudou totalmente sua personalidade. Agora é outra pessoa, pois deixou para trás o que Mariátegui chamava a idade da pedra necessária. O Presidente Gonzalo é a negação do Abimael Guzmán acadêmico; já é algo distinto. Já não é nem será jamais o que foi. Pode continuar sendo a mesma pessoa, fisicamente falando, mas seu pensamento já desfez — ou trata de fazê-lo cada vez mais — todo o anterior, ao mesmo tempo em que vai desenvolvendo mais o novo estilo. Morreu um tipo de pensamento e nasce outro que é sua negação e é construído sobre seus restos: é o Pensamento Gonzalo. A essas alturas, o Presidente Gonzalo já não tem velhos amigos, mas apenas novos inimigos e seguidores. E isso dizem seus documentos, as declarações de seus militantes presos, nos quais se vê uma admiração sem limites, a ponto de se afirmarem dispostos a cruzar o rio de sangue. Quais são os significados de tais palavras e outras, como a de que a Chefia está sempre presente com os combatentes no instante supremo da entrega total ao fogo purificador da LA? Recordemos e façamos algumas relações:

Mao — uma chispa pode *incendiar* a pradaria.

Um senderista — estou disposto a cruzar o *rio de sangue*.

Declaração do PCP SL — a chefia está com vocês no instante supremo da entrega total ao *fogo purificador* da LA.

Instrução do PCP SL — *morrer* para inventar o grande mito subjetivo.

Incêndio — Fogo Invencível — Rio de Sangue — Morte — Mito Subjetivo — Fogo Purificador.

Partamos de uma hipótese que não ocorreu aos senderólogos: o PCP SL não é uma única organização. O PG significaria a Chefia Única, a ponte ideológica que une vários níveis partidários aparentemente desvinculados que se entrecruzam chegando a formar a Frente Única. Tal fato explica as discordâncias observadas no curso dos acontecimentos: o PCP de Ayacucho e Huancavelica parece um tanto ou quanto distinto do PCP de Puno, e este, por sua vez, do de Lima, e este do de Ancash ou La Libertad. A astú-

Na guerra da pulga, o canhoneio parlamentar causa mais estragos do que a artilharia real; as manchetes da imprensa queimam mais do que as grandes bombas. Os rebeldes assumem o papel de Davi e fazem todo o possível para que o inimigo apareça como Goliás ante a opinião pública.

A guerrilha tem bom êxito porque sobrevive. Floresce porque seus métodos são progressivos. Com uma pistola, um machete ou inclusive um arco e flecha pode capturar um rifle. Com vinte rifles pode capturar uma metralhadora, e com vinte rifles e uma metralhadora pode capturar uma patrulha militar ou destruir um comboio que leva cinqüenta metralhadoras e 50 mil cartuchos. Com uma dúzia de pás e umas tantas latas de gasolina, a guerrilha pode destruir um tanque, e, com suas armas, abater um avião ou um helicóptero que transporte armas.

O exército trata de dar fim à guerra o mais rapidamente possível, com o objetivo de diminuir suas perdas; o insurgente busca prolongá-la, visto que ela lhe proporciona todas as vantagens.

cia é a norma básica do agir de qualquer partido insurrecional, motivo pelo qual é aplicada em grande escala pelo PCP SL. De seus êxitos dão prova os últimos seis anos.

Compreende-se, pelas razões anteriores, por que os quadros dirigentes, seguindo os passos da Chefia Única, obstinam-se em não prestar declarações ou conceder entrevistas. Com essa atitude fomentam uma séria rivalidade entre os repórteres da imprensa escrita, falada e televisada, os quais venderiam a alma ao diabo para conseguir uma entrevista com o Presidente Gonzalo, que seria, sem dúvida, a reportagem do século. Tal situação dá origem a pequenas artimanhas, como a de inventar "reportagens exclusivas", que, feitas as contas, não são mais que a ordenação e mescla de declarações feitas por terceiros ou simpatizantes do PCP SL.

A Chefia Única é ainda menos propensa a dar respostas aos chamados que lhe são feitos de esferas governamentais, políticas, eclesiásticas e de personalidades visando iniciar diálogos que conduzam ao restabelecimento da paz. Também esse fato há de dar origem a um intenso movimento de pessoas e instituições que buscam lograr, ao menos, uma resposta. E, se por acaso se desse o diálogo, tanto melhor para as pessoas que o tivessem tornado possível, pois imediatamente passariam à história como os "salvadores" do Peru. Não prestam a devida atenção às palavras de militantes e quadros do PCP SL quando estes afirmam que o diálogo é chocolate com veneno dentro, uma estupidez. O diálogo significaria derrubar um princípio fundamental para eles, não cair jamais na capitulação. E diálogo, para o PCP SL, significaria capitular, estar à mercê do inimigo e jogar para perder com o destino do povo por que luta.

A contra-subversão

Em geral, a resposta lógica a um movimento subversivo é a contra-subversão. Ela obedece à concepção da segurança nacional, sendo aplicada pelo Estado e, em especial, pelas forças armadas. Seu fim estratégico é a aniquilação do grupo ou partido subversivo, utilizando para isso uma variada gama de táticas, de acordo com cada situação enfrentada.

A contra-subversão tem antecedentes acadêmicos nos pequenos cursos de aperfeiçoamento militar das grandes escolas subordinadas ao Comando Sul dos Estados Unidos. Nelas, muitos indivíduos das diversas instituições militares assimilaram as técnicas e métodos — dizem que apropriados — para esmagar os movimentos subversivos. Os currículos dessas escolas abarcam desde sabotagens, inteligência, logística, sociologia, filosofia (estudam o marxismo como vacina salvadora), até as mais sofisticadas expressões da guerra psicológica.

O Peru, no início dos anos 70, tinha mais de 3 mil militares treinados em tais escolas. Nenhum país da América do Sul, nem mesmo o Brasil,

chegou a ter tamanha quantidade. Quais eram as razões? Uma possível resposta poderia ser encontrada nos escritos do general Mercado Jarrín, o qual, ao combater as guerrilhas de 1965, chegou à seguinte conclusão: "um pouco mais de apoio camponês, e ninguém detém as guerrilhas". As forças armadas optaram, em consequência, por assegurar seus modelos contra-subversivos, tendo bastante em conta a privilegiada posição estratégica do território peruano.

Em meados de 1980, as forças policiais eram constantemente reforçadas no número de seus efetivos, para controlar os atos ainda chamados de delinquentes. Como uma das primeiras armas, chegou um "brucutu" que, em soberba linguagem simbólica, banhou a fachada da Catedral, situada no costado do pavilhão central da Universidade de Huamanga. Posteriormente chegaram dois pequenos tanques; certa noite, um deles foi coberto, não se sabe em que momento, com cartazes exortando a desenvolver a LA. E assim patrulhou, ameaçador. Às vezes os corpos contra-subversivos das forças policiais cresceram até formar unidades, parcialmente autônomas, como os Sinchis, os Llapan Atic e a Segurança do Estado. Houve, também, uma invasão de agentes dos serviços de inteligência que, inteligentemente, passeavam pela universidade e pelas ruas da cidade com o jornal esquerdista *El Diario de Marka* debaixo do braço.

Mas as forças policiais tiveram sérias dificuldades para controlar e anular o PCP SL, que aumentava sem cessar suas ações de sabotagem e execuções até chegar a uma fustigação generalizada. Em dezembro de 1982, o governo de Belaunde decide declarar Ayacucho zona de emergência, encarregando as forças armadas de sua direção. Chegam, enfim, os "meninos maus": a infantaria da Marinha de Guerra, os batalhões anti-subversivos do Exército e os aparatos da FAP. Numa cidade de 80 mil habitantes, a quantidade de policiais e soldados cresce a tal ponto que por essa época dizia-se que Huamanga vista do ar parecia um bosque: verde para todo lado. A totalidade de chefes e oficiais, tal como o pessoal de tropa, não utilizava insígnias nem crachás de identificação, buscando uma camuflagem homogênea que dispersasse as vinganças, as denúncias e o fato de serem alvos preferidos nos enfrentamentos. Mas, no Peru, os soldados e pessoal de tropa são escolhidos, em maioria esmagadora, entre os indígenas e mestiços, sobressaindo com luz própria os oficiais, principalmente brancos.

Em linhas gerais, houve duas formas básicas de atuação das forças armadas. Onde estava o Exército desenvolve-se uma política de captação, pela simpatia, das populações que positivamente se sabia não serem favoráveis ao PCP SL; apóiam-se seus projetos comunais, levam-lhes médicos, medicamentos, e, sobretudo, se lhes oferece um tênue sentimento de segurança. Com as povoações tidas como aliadas do PCP SL, a tática variava, chegando a um estágio bastante repressivo. Mas é nos lugares designados para a Marinha onde haverá de se apresentar uma série contínua de excessos repressivos denunciados pela imprensa e pelos comitês de direitos humanos, que obedeciam a uma concepção de arrasamento mais que de cap-

tação... O diabo é que assim não se pode derrotar um movimento armado com as características do PCP SL.

Em ambos os casos se fomentou, desde o começo, a organização da população das comunidades rurais em rondas ou cavalarias, chamadas de Defesa Civil. Mas tem-se a impressão de que esse fato já estava previsto pelo PCP SL, seja por análise estratégica ou pelo estudo das experiências do Vietnã, Argentina, El Salvador, Nicarágua e outros. Os quadros do PCP SL afirmavam em seus documentos, desde princípios de 1982, que logo surgiriam os *yanauumas* (cabeças negras) ou mesnadas da reação, organizados para opor-se à LA e ao PCP SL. Esse pessoal das rondas, por sua vez, começou a chamar de *akaumas* (cabeças de caca) os integrantes do PCP SL. Nas comunidades rurais, esse é um dos insultos mais fortes, o qual assinalaria a presença de antropólogos nas forças armadas. Tudo guarda relação com a máxima de que, se até o Vietnã eram necessários dez soldados para liquidar um guerrilheiro, depois ficou comprovado que são necessários dez antropólogos para anular um guerrilheiro.

É nesse contexto que ocorre a matança dos oito jornalistas em Uchuraccay, em janeiro de 1983, mortes que até hoje continuam sendo investigadas para apuração dos culpados. Às vezes a lebre salta por onde menos se espera. A doutora Cinthya McClintock, da Universidade George Washington, publicou um artigo no dia 22 de julho de 1984 na revista *Problems of Communism*, patrocinada pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos. Em nosso meio, tal artigo foi reproduzido pelo jornal *La República*. Há uma parte significativa: "Declarou-se o estado de emergência em oito distritos de Ayacucho e Huancavelica, e o general Clemente Noel assumiu o controle da região. Cerca de 2 mil soldados e paramilitares foram destacados para o local. Helicópteros armados e aviões de reconhecimento decolaram com destino à zona convulsionada. Afirma-se que a Argentina teria enviado também ajuda militar".

Em agosto de 1986, o decano da Associação de Jornalistas, Juan Vicente Requejo, denunciou que os oito jornalistas haviam sido assassinados por terem descoberto a presença de oficiais e soldados da Marinha argentina (com forte atuação na repressão aos montoneros e ao ERP argentino).

Apesar do escândalo mundial que significou o caso Uchuraccay, ele não teve maior influência na ação do PCP SL, o qual se viu, ao contrário, favorecido pela campanha de desprestígio contra as forças armadas. De passagem, aniquilou-se de uma forma ou outra uma importante base anti-guerrilheira civil em Uchuraccay; lugar, por outro lado, possuidor de uma valiosa posição geográfica.

Quem sabe, em algum momento, aplicou-se uma tática contra-subversiva arrasadora, inspirada no pensamento franco e explícito do general Cisneros de que, "se para matar dois ou três senderistas é necessário matar oitenta inocentes, não importa" (revista *Quehacer*). Tal tática deu origem a uma quantidade impressionante de desaparecidos; os quais logo apa-

reciam mortos, sem possibilidades de ser identificados e com sinais de ter sofrido torturas. Eram os despenhadeiros da guerra psicológica.

Além do mais, havia as contribuições voluntárias e forçadas, as pequenas e grandes vilezas, as requisições indiscriminadas de gado, as violações e sequestros de toda mulher adolescente; fatos que, em conjunto, eram mensagens dirigidas à população rural, buscando sua definição a favor de um ou outro lado. Os camponeses chegaram a viver num terror constante, psicologicamente esgotante, que, segundo demonstra a experiência histórica, é sobretudo negativo para os fins buscados pela contra-subversão. É preciso lembrar que tal tática, em nenhum dos lugares onde foi aplicada, deu resultado. Pode-se argumentar que triunfou na Argentina e no Uruguai, mas é necessário esclarecer que os movimentos guerrilheiros desenvolvidos nesses países foram basicamente urbanos, apoiados socialmente em classes médias, e carentes de uma ideologia definida: totalmente distintos do movimento peruano.

É por essa razão que a presença de alguns milhares de soldados, marinheiros, policiais, helicópteros, aviões e outros meios logísticos não modifica de todo a concepção de LA do PCP SL. Isso, certamente, não impede que o PCP SL se veja forçado a realizar retrocessos táticos, assim como a sofrer perdas em seu aparato militar ou partidário. A realidade de múltiplos movimentos guerrilheiros assentados em áreas rurais indica que, levando-se em conta a área atual de movimentos do PCP SL, necessitar-se-ia de pelo menos 1 milhão de soldados para erradicá-los de forma real. E quiçá nem assim possam eliminá-la totalmente, como afirmam alguns quadros prisioneiros do PCP SL.

Quem mais se vê favorecido com a aplicação dessa tática anti-subversiva é, paradoxalmente, o PCP SL, ao qual se pretende combater. Um exemplo. O assassinato de três supostos senderistas num hospital, em seguida ao ataque à prisão de Ayacucho, foi e ainda é objeto de uma intensa campanha de satanização das forças policiais. Igual juízo merecem os descobrimentos de fossas comuns, os desaparecidos, pois há muitos organismos preocupados com a vigência dos direitos humanos. Um aspecto interessante é que, entre as constantes denúncias dos excessos, mais reais que supostos, das forças armadas e policiais, e os excessos, também mais reais que supostos, dos integrantes do PCP SL, a opinião pública parecia tomar partido, de uma forma ou outra, pelo PCP SL. Esse fato, certamente inconsciente, talvez seja produto do ódio alimentado por todo militar, especialmente nas áreas rurais, pois todos, em algum momento, tiveram negras experiências com eles. A propaganda baseada na defesa dos direitos humanos magnifica esses acontecimentos, contribuindo para apresentar a população, e ao mesmo tempo o PCP SL, como vítimas. É obviamente uma vitória política, de alcance estratégico, que favorece os objetivos traçados pelo PCP SL.

Se esse era o panorama até antes dos acontecimentos de 18 de junho de 1986, com a matança dos presídios de Lurigancho e El Frontón,

é de se imaginar qual seja o panorama atual. Nos presídios, os integrantes do PCP SL puseram em prática um de seus princípios, não capitular nunca, apesar do alto custo que significou propiciar tal situação-limite. Demonstraram que sabem matar, mas também que sabem morrer. Quem, tanto no Peru como no exterior, não viu essa ação como uma matança planejada? Muitos se sentiram felizes pelo fato de os subversivos terem sido finalmente eliminados, mas amplos setores da população se colocaram, emotivamente, do lado deles.

Por último, é conveniente assinalar a crescente polarização das classes sociais. Para as classes altas e médias, o terrorismo é o produto da existência dos índios e mestiços, assentados nas povoações jovens de Lima e na área rural peruana. Alguém dizia que em Miraflores e San Isidro, para não tocar em La Planice e outros lugares muito mais exclusivos, a reação diante dos atentados era uma só: de raiva imensa. Entra em jogo um novo elemento, bastante importante: o racial. Essas classes, tal como o Estado e os setores mais duros das forças armadas, se aproximam, mesmo quando seja a partir de uma vertente não ideológica, do PCP SL, no que toca a conseguir o objetivo estratégico de acirrar as contradições. Dessas classes emergirão, em seu momento oportuno, os grupos paramilitares, com a instrução de matar e dar sumiço em comunistas, índios e mestiços de merda.

Manuel Jesus Granados é antropólogo formado pela Universidade de Huamanga (Ayacucho), com tese sobre o período de formação do Sendero Luminoso.

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 19, dezembro 87
pp. 46-67
